

**LIGA DE ENSINO DO RIO GRANDE DO NORTE
FACULDADE NATALENSE PARA O DESENVOLVIMENTO DO RIO GRANDE DO
NORTE – FARN
ESPECIALIZAÇÃO EM AVALIAÇÃO PSICOLÓGICA**

MARIA LUIZA BARROS GOMES

RORSCHARCH x ZULLIGER: UM ESTUDO COMPARATIVO

**NATAL / RN
2011**

MARIA LUIZA BARROS GOMES

RORSCHARCH x ZULLIGER: UM ESTUDO COMPARATIVO

Monografia apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Avaliação Psicológica da Faculdade Natalense para o Desenvolvimento do Rio Grande do Norte – FARN.

Orientadora: Prof^a Geórgia Martins Baeta Neves

**NATAL / RN
2011**

AGRADECIMENTOS

Para que este trabalho fosse realizado várias pessoas foram envolvidas as quais quero agradecer, pois foram fundamentais.

Agradeço em primeiro lugar a Deus, que me inspirou e me deu força para a conclusão deste trabalho.

Em especial a orientação da professora Georgia, que colaborou para a elaboração do trabalho, ensinando e orientando para que conseguisse atingir os objetivos.

E muito carinhosamente agradeço aos meus amigos e familiares, que me ajudaram e me deram força para concluir esse trabalho.

RESUMO

O método Rorschach e o Teste de Zulliger são instrumentos que, por meio de manchas de tinta não estruturadas, provocam no sujeito associações com registros de experiências que geram respostas, que, por sua vez, serão transformadas em categorias e interpretadas no todo, sob os múltiplos aspectos do dinamismo perceptivo-associativo, que refletem a personalidade. As respostas podem ser classificadas em: localizações, determinantes, conteúdos e fenômenos especiais. Podemos perceber que esses testes são reveladores justamente porque o examinando não tem consciência do que está expressando e não dispõe de normas culturais atrás das que se possa ocultar, possibilitando sua projeção. O trabalho foi realizado a partir de referências bibliográficas e a partir disso foi possível concluir o os dois testes possuem em comum.

Palavras-chave: Avaliação Psicológica. Técnicas Projetivas. Rorschach. Zulliger.

ABSTRACT

The method and the Rorschach Test Zulliger are instruments that, through unstructured inkblots, cause the subject associations with records of experiences that generate responses, which in turn are transformed into categories and interpreted in whole, under the multiple dynamic aspects of perceptual-associative, which reflect the personality. The answers can be classified as: locations, determinants, content and special phenomena. We realize that these tests are revealing precisely because the examinee is unaware of what is expressed and has no cultural norms behind which could be hidden, allowing its projection. The study was conducted from references and from that it was possible to conclude the two tests have in common.

Keywords: Psychological Assessment. Projective techniques. Rorschach. Zulliger.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	6
1.1 AVALIAÇÃO PSICOLÓGICA	12
1.2 TÉCNICAS PROJETIVAS	14
2 RORSCHACH	17
2.1 ORIGEM.....	17
2.2 TÉCNICA.....	17
2.3 APLICAÇÃO	20
3 ZULLIGER	23
3.1 ORIGEM.....	23
3.2 TÉCNICA.....	23
3.3 APLICAÇÃO	25
4 CLASSIFICAÇÃO DAS RESPOSTAS	26
4.1 LOCALIZAÇÕES.....	26
4.2 DETERMINANTES.....	28
4.4 CONTEÚDOS	29
5 INTERPRETAÇÃO	30
6 FENÔMENOS ESPECIAIS	35
7 SIGNIFICADO DOS CARTÕES/DIAPOSITIVOS	36
7.1 RORSCHACH	36
7.2 ZULLIGER.....	37
8 CONSIDERAÇÕES FINAIS	39
REFERÊNCIAS.....	40

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho consiste em fazer uma revisão bibliográfica entre os testes psicológicos Rorschach e Zulliger. Este estudo se propõe a oferecer um estudo comparativo sobre as técnicas em questão.

A Psicologia contemporânea parece confundir-se com a aplicação dos testes e, em alguns casos, julga-se que, sem esse tipo de instrumento, o psicólogo não seria capaz de fazer qualquer afirmação científica do comportamento humano. Talvez seja pelo fato das ciências serem conhecidas por suas técnicas que lhes permitem aplicações e resultados visíveis.

No entanto, o psicólogo deve saber, não apenas as vantagens dos testes, mas, também os limites de sua utilidade e validade. Do contrário, correrá o risco de apresentar diagnósticos falsos ou deformados, pois estariam baseados em resultados falhos e incompletos.

Os testes psicológicos não consistem numa exemplar neutralidade e eficácia em 100% nos seus resultados, mas isto não implica que os mesmos devam ser dispensados. Desde que atendidas as pré-condições de sua aplicação, e que o psicólogo tenha conhecimento, domínio da aplicação e da avaliação, os testes se instalam como referencial que elimina boa parte da “contaminação” subjetiva da sua percepção e julgamento. É importante ressaltar a condição dos testes como mais um recurso que auxilia o profissional na compreensão e fechamento das considerações a respeito de um examinando, seja em processo seletivo, avaliação psicológica ou psicodiagnóstico.

1.1 AVALIAÇÃO PSICOLÓGICA

A avaliação psicológica é um procedimento que visa avaliar, através de instrumentos previamente validados para a determinada função, os diversos processos psicológicos que compõe o indivíduo.

O conceito de avaliação psicológica é amplo, se refere ao modo de conhecer fenômenos e processos psicológicos por meio de procedimentos de

diagnósticos e prognósticos, para criar as condições de aferição de dados e dimensionar esse conhecimento (ALCHIERI; CRUZ, 2003). Os testes gráficos são mais adequados para começar um exame ou avaliação psicológica. Eles refletem os aspectos mais estáveis da personalidade, e mais difíceis de serem modificados.

Segundo Cunha (1993), o psicodiagnóstico é um processo científico, limitado no tempo, que utiliza técnicas e testes psicológicos, em nível individual ou não, seja para entender problemas à luz de pressupostos teóricos, identificar e avaliar aspectos específicos ou para classificar o caso e prever seu curso possível, comunicando os resultados. O psicodiagnóstico é uma forma específica de avaliação psicológica, em ambos os processos não têm necessariamente que fazer uso de testes psicológicos. Mas, no entender de Nascimento (2005), quando se precisa de material fidedigno, passível de reaplicação, que permita conclusões confiáveis em curto tempo, para tomada de decisões, é preciso dispor de outros recursos além da entrevista, ainda que seja para comprovar alguma característica do examinando.

Avaliação Psicológica é um conjunto de procedimentos para a tomada de informações de que se necessita e não deve ser entendida como um momento único em que um instrumento poderia ser suficiente para responder às questões relacionadas ao problema que se pretende investigar. Este tipo de processo é a base da atuação do profissional da psicologia seja qual for sua área (clínica, escolar, organizacional, jurídica, e outras). Para Wechsler e Guzzo (1999 apud PACHECO, 2005), não há como ser um bom psicólogo se não entender o significado da avaliação psicológica como um processo de construção de um conhecimento sobre um fenômeno decorrente de uma escolha teórica e metodológica.

A avaliação psicológica ou psicodiagnóstico configura uma situação com papéis bem definidos, e com um contrato no qual uma pessoa (o paciente) pede ajuda, e o outro (o psicólogo) aceita o pedido e se compromete a satisfazê-lo dentro de suas possibilidades. É um processo bi-pessoal (psicólogo-examinando ou paciente e/ou grupo familiar), cujo objetivo é investigar alguns aspectos em particular, de acordo com a sintomatologia e informações da indicação ou queixa. Abrange aspectos passados, presentes (diagnóstico) e futuros (prognóstico) do paciente. A avaliação psicológica não tem por objetivo somente identificar os aspectos deficitários ou patológicos do paciente, mas, em reconhecer os seus recursos potenciais e suas possibilidades. Ou seja, procura valorizar o que ele tem melhor, para viabilizar seus potenciais. Para Nascimento (2005), um bom

diagnóstico se faz em parte por uma compreensão racional e em parte por uma compreensão empática. No entender de Yalom (2006), embora um diagnóstico seja inquestionavelmente crucial nas considerações terapêuticas de muitas patologias graves com um substrato biológico (por exemplo, esquizofrenia, transtornos bipolares, transtornos afetivos maiores, epilepsia de lobo temporal, toxicidade farmacológica, doença orgânica ou cerebral decorrente de toxinas, causas degenerativas ou agentes infecciosos), ele é freqüentemente contrário na psicoterapia comum dos pacientes com um comportamento menos grave.

Enfim, tem como perspectiva conseguir uma descrição e compreensão, o mais profunda e completamente possível da personalidade do paciente ou do grupo familiar.

1.2 TÉCNICAS PROJETIVAS

Em 1939, Frank (apud FORMIGA; MELLO, 2000) lança o termo “método projetivo”, para designar o estudo da personalidade baseando-se no teste de associação de palavras de Jung (1904), testes de manchas de tinta de Rorschach em 1920 e T.A.T. (Teste de Apercepção Temática) de Murray em 1935. Frank aborda nesses testes uma dinâmica holística da personalidade, uma estrutura evolutiva onde os elementos se interagem e a pessoa expressa em uma atividade construtiva e interpretativa a fantasia interior. Na medida em que os estímulos pouco ou nada estruturados são apresentados diante do sujeito sua resposta é sempre projetiva, reveladora de sua maneira particular de ver a situação, de sentir e interpretar. Tais estímulos provocam projeções em condições ótimas, economizando tempo e esforço, do que situações menos ambíguas e indefinidas.

Surge assim, com os testes projetivos uma valorização do simbólico, concedendo ao indivíduo à realidade imediata um caráter de ausência, mas integrando esta realidade dentro do indivíduo. Freud foi um dos primeiros a trabalhar com essa elaboração simbólica através da associação livre, em 1895, e da interpretação dos sonhos, em 1899, formando assim um sistema interpretativo (uma análise mediante a interpretação do simbolismo das condutas do paciente), destacando que o que se encontra no indivíduo não se encontra por acaso, pois

‘tudo’ teria um significado, “o que poderia parecer tão insignificante, apresentado no contexto vivido, estaria coberto de significados e poderia trazer a chave para a interpretação desse contexto” (AUGRAS, 1998 apud FORMIGA; MELLO, 2000).

Jung (1986, apud FORMIGA; MELLO, 2000) surge contrapondo o pensamento freudiano interpretativo, em Símbolos da Transformação, deixa de lado a concepção do simbolismo individual e analisa o simbolismo coletivo, levando os temas míticos a uma tentativa de interpretação dos significados projetivos ocorrido nos indivíduos, destacando que o equilíbrio psíquico, nas projeções, deve-se ao fato de fazer com que todo indivíduo se encontre com seu Eu Obscuro (a sua sombra). Segundo Von Franz (1977, apud FORMIGA; MELLO, 2000), a força do inconsciente não se manifesta apenas no material clínico, mas, no mitológico, no religioso, no artístico e em diversas atividades culturais expressadas pelo homem. Rank, em 1909, representa a transição entre Freud e Jung, defende um sistema de interpretação mais completo, mito e sonho refletem em linguagem semelhante os acontecimentos que marcam o homem e a humanidade em sua vida. (JUNG ET AL, 1986).

As técnicas projetivas utilizadas pelos psicólogos, ou por alguns, ajudariam a captar esse mundo simbólico que, a maioria das vezes é difícil de ser expressado pelo indivíduo em sua linguagem verbal. Assim, podendo ser lido quando na sua projeção excitada pela técnica associativa, facilita o psicólogo a compreensão do problema e sua solução.

Os testes psicológicos representam a única área de atuação que é privativa dos psicólogos, que, para gerenciá-los, requer treinamento e conhecimento específicos. Uma vez que os testes obedecem a uma série de regras para sua aplicação chamada de padronização da aplicação dos testes, que implicam em vários procedimentos, como: administração dos testes na aplicação; questões relacionadas ao aplicador ou examinador; e questões específicas que dizem respeito ao(s) examinado(s) ou testando(s).

Os procedimentos na aplicação dos testes têm como objetivo garantir a sua validade, porque, mesmo dada a sua condição técnica e científica, um teste pode produzir resultados inválidos se for mal aplicado. Assim, deve seguir a risca as instruções e recomendações que explicitam os seus manuais. Sem, entretanto, como dizem Alchieri e Cruz (2003), assumir uma postura estereotipada e rígida. Como se espera saber o nível de aptidão ou as preferências do examinando, este

deve se sentir na sua melhor forma para agir de acordo com as suas habilidades, e não sob a interferência de distratores ambientais. No processo de aplicação levam-se em consideração alguns aspectos indispensáveis para a realização satisfatória dessa atividade, como por exemplo, a qualidade do ambiente físico, do ambiente psicológico e o material de testagem.

Em relação às estruturas do ambiente físico deve-se colocar o testando em favorável disposição de reação. De forma que é preciso considerar as condições do local de trabalho: cadeira, mesa, espaço físico, iluminação, temperatura, higiene e isolamento acústico.

O psicólogo deve atenuar o nível de ansiedade do examinando a um mínimo possível através do estabelecimento do “rapport”, pois quando qualquer pessoa, ao se submeter a um exame psicológico, de qualquer natureza, sofre aumento do sentimento de insegurança, temor e apreensão, diante de qualquer tarefa ou dificuldade que irá transpor, bem como verificar se apresenta alguma dificuldade de saúde e/ou impedimentos relacionados, esclarecer o examinado de modo que ele compreenda exatamente as tarefas a serem executadas; memorizar as instruções e ministrá-las em voz alta e pausada, de uma única vez, e igual para todos (qualquer mudança implica em alteração ou invalidade dos resultados) (SILVA, 2011).

Todo material que será utilizado no processo de aplicação deve constar em quantidade a mais ao número de candidato ou examinando.

Pesquisas têm demonstrado que determinadas atitudes do examinador podem facilitar ou inibir a produtividade, e certos esforços inconscientes podem induzir alguns tipos de respostas, influenciando escores e pondo em risco a validade da técnica. É necessário que o examinador observe seu comportamento verbal e não-verbal para não acabar servindo de estímulo para suscitar certas respostas do examinando.

Para aplicação, análise e interpretação de quaisquer destes testes de personalidade é necessário um forte embasamento teórico, conhecimento da técnica, prática na interpretação e avaliação dos resultados e, principalmente, conhecer as vantagens e desvantagens do uso destas técnicas como instrumento de avaliação e diagnóstico.

2 RORSCHACH

2.1 ORIGEM

O Rorschach foi elaborado por Hermann Rorschach, psiquiatra suíço, foi publicado em 1921 e reeditado várias vezes até o momento.

O uso de borrões de tinta como meio de expressão da criatividade e da imaginação, não se constitui descoberta de Rorschach. Justino Kerner em 1987, médico alemão, usou borrões de tinta para identificar as pessoas pelo tipo de borrões que faziam. Em 1985, Alfred Binet e Theodor Simon, vieram a concretizar.

Em seguida, a partir das experiências de um estudante, Rorschach começou a observar que algumas pessoas davam respostas no todo das manchas, enquanto outras só nos detalhes; constatando que os estímulos eram de cor preta, se perguntou como seriam os resultados se houvesse áreas coloridas. Descobrimo, a partir daí, os tipos de vivência, introversão e extratensão, relacionando o índice de movimento como de cores. A partir das experiências, Rorschach estava atingindo a descoberta de uma técnica para avaliação não apenas da avaliação, mas da própria personalidade como um todo.

Em 1918, o próprio autor confeccionou e elaborou os cartões do teste.

2.2 TÉCNICA

Segundo Rorschach (apud ADRADOS, 2000, p. 5):

A interpretação das manchas de tinta situa-se dentro do campo da percepção e da apercepção. Entretanto, quase todas as pessoas consideram esta prova como de imaginação. Este conceito está tão generalização que é preciso contar com este prejuízo nas nossas experiências; no entanto, a interpretação de formas indeterminadas não tem, diretamente, nada a ver com a função da fantasia. Na realidade, o que acontece é que a pessoa rica em fantasia reage de forma diferente do que a de imaginação pobre, mas se incentivamos o examinando para que deixe voar sua imaginação ou, pelo

contrário, não o estimulamos neste sentido, a vivência, não sofre mudança alguma significativa.

O objetivo da técnica é diagnosticar a personalidade, em seus padrões de organização, orientação, estratégias defensivas, bem como de quadros psicopatológicos em crianças, adolescentes e adultos. Também utilizada para detecção da dinâmica interpessoal (administração consensual), uso clínico, terapêutico, em seleção profissional, na área forense e prognóstico terapêutico.

O Rorschach é capaz de fornecer subsídios para avaliarmos a estrutura da personalidade do indivíduo e o funcionamento de seus psicodinamismos. É possível avaliar seus traços de personalidade, o funcionamento de suas condições intelectuais, o nível de ansiedade básica e situacional, a depressão, suas condições efetivas e emocionais; fornece-nos condições para vermos como está a pessoa quanto ao controle geral, quanto à capacidade para suportar frustrações e conflitos, quanto à adaptação ao trabalho e ao ajustamento e integração humana; impulsos, instintos, reações emocionais, nível de aspiração, são outros elementos psicodinâmicos avaliáveis através da técnica. É também, um instrumento capaz de avaliar o examinador no diagnóstico de paciente com problemas de interferência neurológica e com perturbação ou desvio de conduta.

O exame possui seis fases: do “rapport”, instrução, administração propriamente dita, inquérito ou investigação, seleção dos cartões e exame de limites, sendo as duas últimas opcionais.

A fase do “rapport” é uma fase de contato inicial, que se caracteriza por uma conversa informal, simples, descontraída, pois não deve se iniciar um teste se o examinando ainda se encontra tenso, agitado ou defensivo.

Contudo, para Kloopfer e Kelly (1946 apud ADRADOS, 2000) ainda que o considerem desejável, não parece essencial, que o que realmente importa é o que o examinador perceba e compreenda o tipo de relação estabelecida entre eles e o valor-estímulo de sua pessoa. Não obstante, as condições atuais do sujeito podem interferir ou comprometer o seu desempenho e devem ser adequadamente avaliadas.

Após o examinador observar que existe uma boa relação com o examinando pode-se dar início a fase de instrução, explicando de forma clara o que irá ser feito. Segundo Vaz (1997, p. 22) deve dizer:

Nós vamos, agora, fazer um teste bastante simples. Não se trata de um teste de acerto ou erro. Eu vou lhe apresentar uma série de cartões, um de cada vez, você olha e, à medida que vai olhando, você vai falando tudo aquilo que as manchas lhe sugerem, o que elas lhe lembram ao olhar para o cartão. Procure não se preocupar nem com erros nem com acertos, nem com o que é bom ou não, falar. Bom é que você fale à vontade, bem livremente, tudo aquilo que lhe vem a lembrança. Algumas pessoas vêem mais, outras vêem menos. Enquanto você vai falando, eu vou tomando nota; não se preocupe com isso também. Fique bem à vontade. Durante algum tempo eu não conversarei com você, pois preciso anotar o que você fala, depois sim, irei conversar para ver se entendi tudo o que você tiver falado, não vendo mais nada, devolva-me, por favor, o cartão. Está bem? Compreendeu bem? Vamos começar!

A administração propriamente dita, também chamada de fase de associação livre, abrange desde a maneira como sentam o examinador e o examinando, a entrega das lâminas e instruções, a anotação do tempo de reação e do tempo total e o registro do comportamento verbal e não-verbal do sujeito.

O inquérito parece constituir a fase mais importante de toda a administração, porque deve fornecer subsídios para tornar clinicamente úteis as verbalizações registradas durante a primeira fase. Como seu objetivo é averiguar aspectos perceptocognitivos subjacentes às respostas, deve partir das próprias verbalizações do sujeito, restringindo-se, tanto quanto possível, à terminologia por ele utilizada. Como o referencial básico é o material da mancha, o examinador precisa ter uma familiaridade muito grande com as suas características, pois elas vão subsidiar as hipóteses que serão testadas durante o inquérito, apesar das perguntas terem que ser neutras, subentendendo-se um roteiro implícito.

A seleção de cartões é uma fase facultativa, que consiste em colocar os cartões sobre a mesa e pedir que o examinando escolha os dois cartões que mais lhe agradam e os dois que lhe agradem menos. Os elementos colhidos nesta fase e integrados à interpretação dos dados quantitativos, dos fenômenos especiais e do significado de cada cartão, auxiliam bastante no fechamento final do diagnóstico clínico.

Teste dos limites, outra fase facultativa, é um recurso conveniente para testar reações específicas a determinadas lâminas (como indícios de choque, manifestações afetivas, etc.) e para avaliar potenciais do sujeito. Entretanto, quanto menos sugestiva puder ser esta fase menos comprometerá o desempenho do

sujeito em futuro reteste, de modo que deve se restringir à testagem de hipóteses realmente fundamentais no contexto geral da avaliação (VAZ, 1997)

2.3 APLICAÇÃO

Em primeiro lugar, temos as dez pranchas com manchas personalizadas, apresentadas em cartões acetinados, de 18 x 25 cm cada, subdivididos quanto as cores: acromáticos, os de números I, IV, V, VI e VII; cromáticos, os de números II, III, VIII, IX e X. Os cartões II e III apresentam as manchas em preto e vermelho e os de números VIII, IX e X são pluricromáticos. No verso das lâminas está impresso o número da prancha com a finalidade de serem apresentadas sempre na mesma ordem.

Além das dez lâminas, é necessário o uso de folhas com o desenho das pranchas em preto, onde o examinando circulará com lápis de cor as percepções, uma vez terminada a interpretação das manchas originais. Cada resposta, uma vez localizada, deve ser numerada. Além da folha de aplicação com colunas previstas para registro do número de cada cartão em romano, do tempo de reação e duração, dos giros feitos pelo examinando e para o registro das categorias localizações, determinantes, conteúdos e fenômenos especiais.

Ainda é indispensável um cronômetro para a tomada do tempo de reação e do tempo total que o examinando entrega cada prancha. Se algum examinando perguntar se o tempo está sendo anotado, a resposta pode ser que sim, deve informar também que o tempo tem pouca importância na prova e que poderá dispor do mesmo à vontade durante a interpretação das manchas.

Finalmente, como folhas de tomadas de protocolo, utilizam-se diversos modelos, acontecendo a mesma coisa para o levantamento dos dados.

A sala de aplicação pode ser qualquer uma, desde que não tenha nenhum estímulo que possa distrair, sugerir ou perturbar a mente do examinando, como por exemplo, quadros, flores, etc., deve ser tranqüila, livre de interferências. As interrupções, bem como a presença de terceiros, devem ser evitadas.

Os cartões, durante a aplicação, devem ficar em uma mesinha auxiliar ao alcance da mão do examinador. A mesa, de preferência, deverá ser retangular de 2,0 x 1,5 metros, pois preenche perfeitamente as condições.

Um fator importante é a iluminação, deve haver luminosidade solar, arejamento de ar adequado e decoração discreta; a sala deve ser pequena. Segundo Klofer (1964 apud VAZ, 1997), não há restrição sobre o uso da luz artificial, já de acordo com Loosli-Usteri (1957 apud VAZ, 1997), Endara (1967 apud VAZ, 1997) e Adrados (1967 apud VAZ, 1997) a aplicação deve ser realizada sob claridade solar e deve ser evitada à noite. Nos casos de necessidade maior é tolerável o uso de luz artificial, mas que as lâmpadas sejam fluorescentes, pois a luz amarela pode alterar as tonalidades vermelha, cor-de-rosa e amarela nos cartões II, III, IX e X. O examinando deve se sentar à mesa de uma forma que a luz possa incidir diretamente sobre as lâminas, a fim de que ele possa perceber nitidamente os estímulos cromáticos e claros-escuros.

Sobre a presença de uma terceira pessoa na aplicação, é questionável, se essa pessoa facilitar a comunicação e o próprio relacionamento entre o psicólogo e o examinando, essa presença pode ser aceita. Trata-se de uma questão delicada que deve ser adequadamente avaliada pelo psicólogo.

Em relação ao uso de aparelhos elétricos ou eletrônicos para a gravação, não é usado, nem recomendado. Isso pode gerar significativo prejuízo, pois é um procedimento que gera inibição, constrangimento e reforça no examinando o sentimento de estar sendo controlado. Além disso, a preocupação do aplicador com o funcionamento do gravador são fatores que podem quebrar o ritmo de trabalho e o processo de associação do examinando.

Foi observado que a aplicação do Rorschach feita depois à de um outro teste, especialmente de caráter expressivo facilita o trabalho.

A posição à mesa também é outro fator que pode facilitar a aplicação, a posição frente-a-frente deve ser evitada, como também, o examinador sentar-se ao lado do examinando, sendo um pouco atrás. A maneira ideal é em forma de L, não muito distanciados um do outro, separados pelo ângulo de 90° da mesa, de tal forma que ele não se sinta controlado pelo olhar do examinador e este possa visualizar as áreas das respostas que vão sendo verbalizadas e acompanhar suas reações (VAZ, 1997).

O teste tem aplicação individual e dura aproximadamente uma hora. Pode também ser aplicada com casais ou grupos.

Em relação ao tempo em que o cartão deve ficar na mão do examinando, Rorschach não estabelece. Entretanto, Klofer (1942) estabelece quatro minutos, Hertz dois minutos, Adrados (1976), estabelece o tempo que for preciso. Portuondo (1970 apud VAZ, 1997) considera o tempo de 250 a 260 segundos ou o número máximo de sete respostas em um cartão. Já Vaz (1997), o tempo de duração é de 240 segundos por lâmina, de acordo com o autor é tempo mais que suficiente para o sujeito fornecer dados necessários.

3 ZULLIGER

3.1 ORIGEM

O teste de Zulliger (Z-Teste) foi construído durante a segunda guerra por Hans Zulliger a partir de estudos com o Rorschach. Nesse contexto, sendo responsável pela seleção de oficiais para as forças armadas suíças, constatou na inviabilidade da aplicação individual de dez cartões, pelo fato de consumir muito tempo. Dessa experiência resultou um conjunto de três figuras, que foi aplicado individualmente, pareado com o Rorschach. A vantagem de permitir aplicações e análises mais rápidas possibilita sua utilização em um maior contingente de indivíduos, o que torna um instrumento aplicável em uma variedade de contextos e circunstâncias mais diversificadas que o Rorschach (VAZ, 2002).

3.2 TÉCNICA

O Zulliger é instrumento de avaliação da personalidade que possui como base o psicodiagnóstico do Rorschach. Essa técnica é um conjunto de variáveis, por meio das quais é possível quantificar aspectos funcionais e dinâmicos da personalidade (VAZ, 2002).

É composto de um conjunto de três lâminas com manchas, sendo a primeira toda em preto e branco, a segunda composta pelas cores vermelha, verde e marrom e a terceira contendo as cores preta, branca e vermelha, que são estímulos não estruturados que têm por objetivo promover a projeção de aspectos da dinâmica subjetiva do indivíduo.

O Z-Teste é uma prova projetiva de associação de formas a partir de manchas de tintas, que tem como finalidade exteriorizar a reação subjetiva do sujeito ante o estímulo percebido. É capaz de expressar a estrutura da personalidade do sujeito analisado, através da sistematização dos fatores fornecidos pelo teste. Por se tratar de manchas de tinta, o estímulo não tem uma forma definida e são ambíguos,

exigindo que o sujeito mobilize as experiências mais adequadas para representar e estruturar aquilo que está diante de si. Com isso, é possível que o examinador perceba os recursos subjetivos do sujeito, emoções, sua maneira de encarar a vida, elaborar seus problemas e manifestar impulsos e sentimentos (VAZ, 2002)

O exame possui quatro fases, são elas: o rapport, instruções, verbalização e mapeamento das respostas.

A fase do “rapport” já foi citada anteriormente, é igual ao Rorschach. E quando observar que o grupo está suficientemente à vontade, o examinador deverá dar as instruções, devendo dizer:

Nós vamos projetar sobre a tela algumas figuras. Elas não têm forma precisa, são manchas feitas ao acaso. A sala ficará escura por alguns segundos enquanto a imagem fica projetada sobre a tela. Cada um de vocês procure fixar a atenção sobre a imagem projetada fazendo a pergunta a si mesmo: o que essa imagem me lembra? O que ela me sugere? Pode ser no total da figura, no centro, dos lados, à vontade. Não se preocupem com acerto nem com erro. O que cada um imaginar está bem. Em seguida serão acesas algumas lâmpadas dos fundos da sala, de tal forma que cada um poderá escrever o que imagina. Trata-se de um teste de imaginação. É importante que cada um deixe a imaginação fluir naturalmente e escreva tudo o que a figura lembra. Ao escrever na folha cada um procure observar que ao lado esquerdo, na folha, se escreve o nome do que está sendo lembrado e sugerido e em seguida procure comentar aquilo que está sendo sugerido. (VAZ, 2002, p. 22)

Ao notar que todos entenderam as instruções, o examinador deve se colocar ao lado do projetor e solicitar ao auxiliar que apague as luzes, projeta o dispositivo I sobre a tela, espera 30 segundos, passado o tempo o auxiliar deve acender as luzes do fundo da sala e o examinador deve pedir para os examinandos escreverem. Passados 5 minutos de projeção na tela, o examinador pede para todos passarem um traço após a última frase que foi escrita. Repetindo o mesmo procedimento para o dispositivo II e III.

Terminada a fase de verbalização o examinador pede que coloquem de lado o conjunto de folhas de respostas, inicia-se então a fase de mapeamento de respostas, na folha específica. Nessa fase, o examinando deve indicar na figura onde viu o que escreveu nas respostas (VAZ, 2002).

3.3 APLICAÇÃO

Para a aplicação do Zulliger é necessário o conjunto dos três lâminas com manchas de tinta, de 18,5 por 25 cm, sendo uma acromática, uma policromática e outra em vermelho e preto, que devem estar em bom estado e conservados.

Além de uma tela bem clara e que não forme saliência, com dimensões de 1,60m x 1,25m. Se na sala houver uma parede lisa e bem clara, a tela pode ser dispensada e pode-se projetar diretamente sobre a parede.

Um projetor de slides, colocado estrategicamente para não atrapalhar a visão dos examinandos.

Deve-se fazer o uso de folhas padronizadas, com cabeçalho de identificação, síntese das instruções e pautas pré-impressas, folha para mapeamento das respostas e canetas esferográficas.

De acordo com Cunha (2000), no caso de aplicação coletiva o número de pessoas em uma sala não pode passar de 35. Devendo se sentar num ângulo em que a imagem não sofra distorção visual, a primeira fila dos examinandos deve ter uma distância de 2 metros da tela e a última fila à distância de, no máximo, 12 metros. A aplicação coletiva é indicada para fins de seleção ou classificação de pessoal e de pesquisa

É recomendável que haja uma pessoa auxiliar para ajudar na distribuição das folhas de aplicação e de localização, além ficar responsável por ligar e desligar as luzes, assim como para ajudar no trabalho em qualquer emergência. Diferente do que acontece no Rorschach.

A aplicação pode ser individual ou coletiva, pode ser realizada em adultos, adolescentes e crianças.

Quando a aplicação for individual recomenda-se que o examinador e o examinando fiquem lado a lado ou em um ângulo de 90 graus. O examinador deve fazer suas anotações em uma prancheta, deve evitar anotar em uma mesa de frente ao examinando, pois pode desviar a sua atenção, da mesma forma que o Rorschach.

4. CLASSIFICAÇÃO DAS RESPOSTAS

Para classificar as respostas, os dois testes, o Rorschach e o Zulliger, utilizam os mesmos parâmetros. Existem vários sistemas de classificação usados para a codificação das respostas quanto a localização, determinantes e conteúdos, variam de autor para autor. Mas as categorias são basicamente as mesmas: movimento, cor, forma, sombreado, globais, detalhes comuns e incomuns, conteúdo humano, conteúdo animal, etc.

É importante ter um certo cuidado na classificação as respostas quando o Zulliger foi aplicado coletivamente, pois o examinando nem sempre consegue mapear com a devida clareza a área da mancha em que visualiza o conteúdo verbalizado, fornecendo subsídios claros para a exata classificação de suas respostas.

4.1 LOCALIZAÇÕES

As localizações são as áreas da mancha em que o examinando situa a resposta verbalizada. Essa área é dividida em respostas globais (G), que são as respostas mais dadas, como por exemplo: “morcego” (cartões I e V); respostas que se apegam a uma localização parcial do cartão de acordo com três características, as respostas mais fáceis de interpretar e mais frequentes são chamadas de detalhe comum (D), e respostas de detalhe incomum (Dd), que são as menos utilizadas e/ou menores. Klofer subdivide as respostas de detalhe incomum em detalhe raro (dr), detalhe diminuto (dd), detalhe interno (di) e detalhe externo ou de borda (de) (VAZ, 1997) (VAZ, 2002).

Existe também a global cortada (Gcort), que é aquela que incide no mínimo em dois terços da mancha, não atingindo a completa globalização e cuja incidência estatística seja inferior a 4%.

A global elaborada é quando o examinando inicia a verbalização a partir de um detalhe, segue coordenando o pensamento na organização coerente de uma

resposta bem trabalhada, de boa qualidade, terminando por abranger toda a mancha. (VAZ, 1997) (VAZ, 2002).

Quando a resposta é dada, a partir de um de um detalhe da mancha e encerra numa percepção global, porém caracterizada por uma fantasia é chamada de global confabulada, é uma global de má qualidade.

Já a global contaminada, é quando o examinando inicia a verbalização da respostas a partir de um detalhe da mancha tenta integrar detalhes que vai percebendo, só que de forma absurda, incoerente e ilógica.

Por espaço em branco (S), entende-se o uso do branco em uma resposta, integrando-o ao conteúdo verbalizado.

É importante observar quando o examinando enfatiza muito o espaço em branco, esse é um dado qualitativo que deve ser analisado integradamente a vários outros elementos. Ao dar essa ênfase pode ser um sinal de que essa área da lâmina está lhe mobilizando o sistema emocional e perturbando possivelmente o curso do pensamento na elaboração da resposta. (VAZ, 1997) (VAZ, 2002).

São consideradas respostas de detalhe comum (D) aquelas que ocorrem numa área da mancha, ou mesmo no espaço em branco, sendo as respostas mais freqüentes.

Já as respostas de detalhe incomum são aquelas respostas em determinada área com freqüência inferior a 4%, são as respostas com menos freqüência. São classificam em: detalhe diminuto (dd), que são respostas situadas numa área muito pequena da mancha, normalmente nas extremidades; detalhe externo (de), que é quando o sujeito usa a borda da macha para verbalizar o conteúdo; detalhe interno (di), quando o examinando utilizada um detalhe interno da mancha para sua resposta; detalhe raro (dr), é quando a resposta não se encontra em nenhum detalhe incomum; e detalhe o oligofrênico (DO), que é quando a verbalização do examinando se caracteriza por interpretação feita sobre uma parte do corpo de uma pessoa. (VAZ, 1997) (VAZ, 2002).

4.2 DETERMINANTES

A palavra determinante foi utilizada para identificar, numa verbalização, quais fatores psíquicos levaram ou determinaram o examinando a dar a resposta. Rorschach parecia atribuir aos determinantes a expressão de algo estrutural da personalidade. São as expressões do modo como o examinando estabelece a relação entre o mundo externo através das manchas e o seu mundo interno.

As categorias dos determinantes são: forma, movimento, cor cromática, cor acromática e sombreado.

O determinante forma (F) é considerado um conteúdo percebido simplesmente pela forma, podendo ser: de boa qualidade (F+), que é quando é bem vista; de má qualidade (F-), que é quando a resposta é confusa; ou qualidade duvidosa (F±), quando o conteúdo da resposta não está claro. (VAZ, 1997) (VAZ, 2002).

O movimento (M) é definido quando o examinando percebe o conteúdo em movimento. É classificado em: movimento humano (M), podendo ser também de boa qualidade (M+), de má qualidade (M-) e de qualidade duvidosa (M±); movimento animal (FM), é que a resposta é de conteúdo animal visto em ação; e movimento inanimado são aquelas em que o conteúdo está sendo visto em movimento, movido por forças físicas, químicas, mecânicas ou abstratas, são consideradas “Fm” quando o conteúdo é verbalizado de forma definida, registra-se “mF” quando o movimento inanimado é percebido primeiro, já “m” é quando os conteúdos são abstratos sem forma definida ou quando, por si só, não possui forma. (VAZ, 1997) (VAZ, 2002).

As respostas de conteúdo cromático são quando o examinando emite a resposta a partir do colorido das lâminas. São classificadas em resposta de cor com forma definida (FC), de cor com forma imprecisa (CF), de cor arbitrária (F/C e C/F), de cor forçada (F-C e C-F), de cor pura (C), de cor descrita (Cdesc), de cor simbólica (Csimb) e de cor nomeada ou numerada (Cn). (VAZ, 1997) (VAZ, 2002).

Já as respostas de cor acromática são aquelas em que o sujeito é levado pela cor cinza, preta e bege. Podendo ser de forma definida (FC'), se não possui forma definida (C'F) ou se o conteúdo não possui forma nenhuma e o examinando se refere ao acromático (C').

Por último o sombreado, que se caracteriza pelo fato de o sujeito perceber o conteúdo levado pela sombra deste conteúdo projetada nas mais variadas dimensões. Classificam-se em: sombreado radiológico, sendo subdividida nos três seguintes: quando o conteúdo da resposta é bem vista e percebida através de mapa, transparência, radiografia, foto ou filme (Fk), quando é igual a anterior e a forma não for bem definida (kF), e por último, quando a resposta é levada pelo sombreado tridimensional em plano bidimensional e não possui forma (k); sombreado perspectiva e profundidade são conteúdos vistos numa relação sujeito com o espaço e imagem, em um plano tridimensional, subdividem-se em repostas dadas com um conteúdo visto em profundidade com forma definida (FK); em respostas em perspectiva ou profundidade e que assume alguma idéia de forma (KF); ou quando os conteúdos são difusos (K); sombreado textura, é como se o examinando visse o conteúdo em plano bidimensional projetando a sombra sobre a superfície, podendo ser quando o conteúdo com textura é visto com forma definida (Fc), quando tem forma vaga (cF) ou quando o conteúdo é verbalizado sem forma (c). (VAZ, 1997) (VAZ, 2002).

A classificação das respostas são divididas em resposta principal e adicional. Isso só acontece em casos que o examinando dá mais de uma localização, determinantes, conteúdo e fenômenos especiais. A resposta que foi mais enfática deve ser classificada como principal e as demais, como adicionais.

4.4 CONTEÚDOS

Conteúdo é aquilo que foi verbalizado, o que foi percebido, como algo específico e que será registrado de acordo com sua categoria. São classificados em grandes grupos, como por exemplo: elementos, fragmentos, geográficos, botânica e paisagens.

5 INTERPRETAÇÃO

Na interpretação dos dados um fator a ser considerado nos testes em questão é o número de respostas. As respostas caracterizam-se por ser uma idéia, um conceito abstrato, virtual ao concreto, é o que foi verbalizado pelo examinando. Não é considerado resposta um comentário apreciativo/depreciativo, uma crítica feita à mancha, ao cartão ou ao examinador.

No Rorschach, a maioria dos autores estabelece como normal uma faixa entre 15 e 30 respostas, para adolescentes e jovens adultos se espera de 15 a 24 respostas. O número de respostas dentro da média pode ser visto como um sinal de que a pessoa teve condições de adaptação ao teste, isso pode ser interpretado como capacidade satisfatória de produção e desempenho e de adaptação a tarefas. Respostas abaixo da média, que variem entre 10 e 15, quando forem de boa qualidade e bem comentadas podem ser consideradas dentro do padrão normal. Respostas entre 9 e 10 podem significar, especialmente em situações de seleção, defesas do tipo paranoide, resistência à técnica ou ao examinador. O número inferior a 9 respostas é comum em deficientes mentais (VAZ, 1997).

Já no Zulliger a média de respostas pode variar de acordo com a categoria profissional, o nível de instrução formal e cultural que podem influir na produção.

O alto número de respostas combinado com a presença de detalhe diminuto pode ser interpretado como preocupação excessiva com detalhes e minúcias em prejuízo da percepção do conjunto. Dependendo do trabalho que a pessoa exerça pode indicar poder de análise acurado e de adequação à sua ocupação profissional. Um índice muito baixo pode ser indicativo também de medo de se expor, ansiedade que o sujeito não consegue controlar adequadamente ou de limitação da capacidade intelectual (VAZ, 2002).

Para o Rorschach, diferente do Zulliger, o tempo de reação e o de duração também são variáveis medidas.

Chama-se tempo de reação o tempo, em segundos, decorrido entre o momento em que o sujeito recebe o cartão e inicia a emissão da primeira resposta em cada cartão. Rorschach considerava o tempo médio de reação entre 20 a 30 segundos. Mas com o passar do tempo passou-se a observar uma maior rapidez

nas respostas, devido aos tempos modernos. Vaz (1997) chama a atenção para o fato de se poder observar uma diferença no tempo de reação entre os cartões cromáticos e acromáticos (VAZ, 1997)

É considerado que pessoas com um tempo de reação média acelerada apresentam uma ansiedade elevada, enquanto pessoas com um tempo de reação muito longo apresentam uma depressão situacional. Nos casos em que a média do tempo entre os cartões cromáticos e acromáticos exceder 10 segundos pode-se considerar que, se a diferença for maior entre os cromáticos, trata-se de um indício de dificuldades no relacionamento do examinando com o mundo, pautadas por tensões, mas se for maior para os acromáticos, é um indicativo de ordem depressiva (VAZ, 1997).

O tempo de duração é o tempo decorrido entre o momento em que o examinando recebe e o momento em que devolve cada cartão, ou seja, é o tempo durante o qual o sujeito permanece com o cartão na fase de aplicação. O tempo médio foi considerado entre 20 e 30 segundos, considera-se grave o tempo de duração superior a 30 segundos. Pessoas ansiosas tendem a um tempo médio inferior a 20 segundos, enquanto as depressivas ou bloqueadas apresentam um tempo elevado, chegando a superar os 60 segundos (VAZ, 1997)

Em relação a localizações, aos determinantes e aos conteúdos, os dois testes são iguais. A categoria de localizações indica como a pessoa usa sua inteligência, através da percepção de síntese e capacidade de planejamento, na visão objetiva da realidade e inteligência direcionada para o concreto e pragmático, e a capacidade de análise, observação e bom senso. A presença de espaço em branco (S) conjugado com essas variáveis que foram citadas (G, D, Dd, respectivamente), pode ser interpretada como interferência da ansiedade situacional (VAZ, 1997).

As respostas do tipo global (G) indicam a capacidade de ver o estímulo de modo integrado e coeso, está ligada aos processos de abstração e síntese e demonstra, portanto, habilidade para um raciocínio sintético e teórico. Uma resposta é global quando abrange toda a figura. Quando estão dentro da média, podem ser interpretadas como capacidade para percepção de conjunto, de síntese, de abstração e senso de organização. Nas pessoas de inteligência superior, cultas e críticas ocorrem muitas respostas do tipo global cortada, que indica inibição do pensamento e de senso crítico. As respostas DG elaboradas, usadas no Rorschach,

são comuns em pessoas inteligentes, criativas, que possuem capacidade de elaboração e visão do conjunto. Já as DG confabuladas e DG contaminadas são usadas nos dois testes, a primeira indica uso não adequado da fantasia e fuga à realidade, frequentemente ocorre em pessoas neuróticas, enquanto que a segunda, indica desagregação do pensamento lógico, só uma resposta desse tipo em adultos pode indicar pré-psicose, é necessário a atenção do examinador. Quando o examinando dá respostas do tipo global abaixo da média, temos a hipótese de uma pessoa pouco inteligente, com a capacidade de síntese prejudicada e com falta de visão de conjunto da realidade. Enquanto respostas acima da média sugerem fuga, fantasia e visão infantil da realidade. Pessoas egocêntricas tendem a dar muitas respostas do tipo global. Pessoas deficientes mentais possuem dificuldades se organizar perante as manchas, caindo em um processo de repetição do mesmo conteúdo. Quando são do tipo global associada ao espaço em branco, especialmente quando ele é enfatizado, indica sentimentos de tensão vivenciados pelo sujeito em relação ao meio ambiente, o S pode ser interpretado também como oposicionismo sistemático ao meio externo, desde que o tipo de vivência seja extratensivo.

As respostas caracterizadas pela localização detalhe comum (D) indicam o modo que o sujeito percebe as coisas, os objetos e pessoas como são na realidade. No Z-Teste observa-se que pessoas com ocupação que exige senso de sistematização, discernimento e objetividade orientados para o plano prático e concreto apresentam o percentual de detalhe comum elevado. Quando as pessoas dão respostas entre a média esperada, indica a capacidade que a pessoa tem de perceber a realidade como ela é e tem adequada percepção do óbvio. A diminuição desse tipo de respostas indica prejuízo quanto à capacidade de percepção objetiva da realidade com tendência a evitar encarar a realidade, quando esse percentual é acima da média significa preocupação demasiada com minúcias, rigorosidade e exigência no modo de perceber o mundo, em detrimento do real e visão de conjunto.

Sobre as respostas de detalhe incomuns (Dd) podemos interpretá-las como indicação de capacidade de percepção que o examinando tem para as partes como um todo. Quanto maior a presença de Dd, mais as pessoas são minuciosas com as coisas pequenas. No Zulliger, esse índice é mais elevado com pessoas que trabalham com coisas pequenas, pois são sinais de exatidão, esmero e busca de confiabilidade (VAZ, 1997) (VAZ, 2002).

Os detalhes raros (dr) indicam capacidade para se ligar às pequenas coisas, sensibilidade ao simples e o cotidiano, pessoas bem dotadas de inteligência crítica e minuciosa apresentam respostas dr de boa qualidade. O aumento desse tipo de resposta indica excentricidade e obsessão (VAZ, 1997) (VAZ, 2002).

Respostas de detalhe diminuto (dd) indicam preocupação acentuada com meticulosidade na percepção e análise das coisas, quando vem associada a um numero elevado de respostas, têm-se a hipótese de quadro obsessivo de personalidade (VAZ, 1997) (VAZ, 2002).

Os detalhes internos (di) estão relacionados a introspecção da pessoas, são freqüentes em pessoas artistas e inteligentes. No Rorschach, essa ocorrência está ligada a pessoas obsessivas, introspectivas e preocupadas com a saúde (VAZ, 1997) (VAZ, 2002).

As respostas do tipo detalhe externo (de) ocorre com mais freqüência em neuróticos-obsessivos-compulsivos e em esquizofrênicos da forma paranóide, são pessoas que não aceitam a mancha e acabam fugindo paraa borda. Klofer/Davidson (1962), entendem que o detalhe externo pode ser interpretado como o temor que a pessoa sente de se envolver (VAZ, 1997) (VAZ, 2002).

Por último temos o detalhe oligofrênico ou inibitório (DO), que são indicativos de tensão, ansiedade ou bloqueio emocional. Quando ocorrem na forma de aplicação coletiva, no caso do Zulliger, deve ser interpretado como sinal de ansiedade situacional e mobilização dos sentimentos de insegurança (VAZ, 1997) (VAZ, 2002).

A categoria determinantes constitui a base de toda a interpretação do Rorschach e do Z-Teste, refletem o que o indivíduo tem como base de sua personalidade, seus traços e características, representam os elementos dinâmicos mais estáveis da personalidade. Mobilizam não apenas a maneira como são captados os perceptos, mas a mobilização dos engramas do mundo interno do examinando pelas manchas, ou seja, são a expressão da memória viva das experiências passadas e projetadas pelo examinando sobre as manchas. São as expressões do modo como o indivíduo estabelece a relação entre o mundo externo através das manchas e o seu mundo interno.

Os conteúdos são os elementos menos estáveis e que sofrem maior influência do meio circunstancial e cultural. Podemos dizer que pessoas flexíveis no modo de perceber e avaliar as coisas dão mais de três respostas de conteúdos,

enquanto aquelas que dão menos de três respostas tendem a ser estereotipadas e inflexíveis.

6 FENÔMENOS ESPECIAIS

Os fenômenos especiais revelam alterações de percepção e pensamento que variam de acordo com o grau, referem-se também a características do conteúdo cujo próprio nome indica e sua interpretação depende das proporções e das combinações. Existem vários fenômenos especiais, segundo Bohn (1968, apud, VAZ 1997) são 73 fatores. Os principais são: choque ao branco, choque ao vazio, choque cromático, choque acromático, choque de exclamação, confabulações, contaminações, crítica a técnica, ideia de auto-referência, ideia de referência, linguajar requintado, mutilação, resposta de posição, dentre outros. Esses citados são os que ocorrem com mais incidência.

7 SIGNIFICADO DOS CARTÕES/DIAPOSITIVOS

7.1 RORSCHACH

A partir do manual do teste escrito por Vaz (1997), podemos compreender o que cada lâmina estimula no examinando.

É natural a lâmina I provocar na pessoa o impacto inicial que qualquer situação nova causaria. Com isso, também é normal o tempo de reação ser prolongado, por essa razão não se deve dar muito importância na hora da interpretação, principalmente quando se tratar de uma pessoa cautelosa. Essa prancha solicita imagens que evocam as relações precoces com o primeiro objeto. É um estímulo capaz de indicar se o examinando se adapta facilmente ou não a uma nova situação; de mobilizar sentimentos de insegurança, ansiedade ou frustração; e desencadear sentimentos reprimidos em relação à figura materna e feminina.

No cartão II, é imposta uma nova adaptação, devido as cores vermelho e branco em maiores proporções. Para algumas pessoas, pode representar ameaça, perigo, excitação. Exige mais de condições afetivo-emocionais, pode mobilizar sentimentos de perda e dificuldades relativas aos primeiros anos de vida. Pessoas fóbicas encontram dificuldade nesta lâmina.

A lâmina III, que corresponde ao diapositivo III do Zulliger, são estímulos relacionados a capacidade de relacionamento interpessoal. Esse cartão coloca, sobretudo, o acento sobre os processos de identificação sexual.

Na prancha IV, o oposto da I, representa simbolicamente a figura paterna e figuras que desempenham, sobretudo, imagens de poder. Em alguns casos, o poder fálico é associado a uma imagem masculina, o que pode-se justificar a interpretação deste cartão como o “cartão paterno”.

A lâmina melhor estruturada é a V, o que pode provocar uma sensação de alívio. Esse cartão expressa o próprio ego do examinando. O narcisismo é o mais fácil de manifestar. Segundo Halpern (1965 apud, VAZ 1997), é o cartão da própria pessoa.

Ao olhar para a prancha VI, o primeiro impacto que o examinando tem é de alguma coisa relacionada ao sexo. É muito comum respostas de textura, como

por exemplo, “tapete de pele” ou “pele de animal”. São sinais de problemas relacionados a sexualidade, quando o examinando faz comentários depreciativos, críticas, etc.

Como na lâmina I, a lâmina VII, mostra as dificuldades relacionadas com a figura materna ou com pessoas do sexo feminino. O espaço em branco do centro pode lembrar o útero materno, passa uma sensação de segurança. Neste cartão encontram-se todas as modalidades possíveis das relações com a imagem materna; é um mediador excepcional das relações precoces.

A prancha com cores mais variadas é o VIII, com isso é comum choque à cor. Representa o mundo externo social e afetivo e, pela presença de animais, representa como o examinando é capaz de funcionar com seus instintos e seu senso de iniciativa. Quando o sujeito não fizer nenhum comentário ou crítica tem que ser investigado acerca da intensidade da vida afetiva, pode estar sendo sinalizada uma inibição, pois é comum o examinando falar algo depois da passagem das lâminas acromáticas para a lâmina em questão.

O cartão IX, devido a superposição de cores, desencadeia confusão e perturbação, chega a ser o mais rejeitado de todos os outros cartões. De acordo com Vaz (1997, p. 113), esta prancha “mobiliza conflitos, tensões e angustias existenciais que a pessoa não está conseguindo elaborar, ou com eles conviver”.

O último, o cartão X, é o do relacionamento social, no qual ocorre uma descontração por parte do examinando, uma sensação de alívio. Ele junta os estímulos das demais pranchas, é o cartão síntese do teste.

7.2 ZULLIGER

A partir do manual do teste escrito por Vaz (2002), é possível entender o significado de cada lâmina, o que elas estimulam no examinando.

O diapositivo I é considerado como estímulo que representa a capacidade de adaptação inicial do sujeito diante de uma situação nova. Pessoas muito ansiosas perturbam-se com mais facilidade e tendem a descrever as manchas, a falar ou escrever demais, fazendo comentários sem conseguir objetivar

os conteúdos. Pessoas depressivas e com defensividade paranoide dão poucas respostas

O diapositivo II, pelo fato de conter estímulos coloridos com vários espaços em branco entre as manchas mobiliza, além dos sentimentos de insegurança, o sistema afetivo emocional.

Já o diapositivo III (que corresponde ao cartão III do Rorschach), capacidade de relacionamento interpessoal, criatividade e empatia.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho de conclusão se propôs a apresentar e discutir a relação entre dois testes psicológicos que possuem características projetivas Rorschach e Zulliger, estabelecendo a origem das técnicas, formas de aplicação, interpretação e o significado de suas lâminas.

Foram realizadas pesquisas bibliográficas, no qual foi possível perceber a semelhança entre as técnicas estudadas, já que o Zulliger possui o Rorschach como base. De onde foi possível perceber que os testes projetivos revelam a personalidade do indivíduo justamente pelo fato dele não ter consciência do que está expressando e por não dispor de normas culturais atrás das que se possa ocultar.

Em relação aos testes podemos perceber suas diferenças, como por exemplo: a sua forma de aplicação. O Rorschach tem que ser aplicado individualmente e não é adequado a presença de uma terceira pessoa durante a aplicação. Enquanto o Zulliger pode ser aplicado coletivamente, e a presença de uma terceira pessoa, nesse caso, é essencial durante sua aplicação.

Outra diferença é a quantidade de lâminas, no Zulliger são apenas três pranchas, enquanto no Rorschach são dez.

O que eles possuem em comum é a forma de interpretação e as classificações das respostas.

Além disso, é possível notar que os princípios gerais que fundamentam o Rorschach e o Zulliger são os mesmos, e suas qualidades como instrumentos para análise da personalidade se baseiam em alguns pressupostos relacionados com os processos psíquicos envolvidos na respostas a um estímulo não estruturado, como é o caso das manchas de tinta.

REFERÊNCIAS

ADRADOS, Isabel. **A intuição do Psicólogo**: Técnicas de Abordagem com o Uso do Rorschach. Rio de Janeiro: Entreletras, 2000.

ADRADOS, Isabel. **Teoria e Prática do Teste Rorschach**. 12. Ed.. Petrópolis: Vozes, 2000.

ALCHIERI, João Carlos, CRUZ, Roberto Moraes. **Avaliação Psicológica**: Conceito, Métodos e Instrumentos. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003.

CHABERT, Catherine. **Psicanálise e Métodos Projetivos**. São Paulo: Vetor, 2004.

CUNHA, Jurema Alcides, *et al.* **Psicodiagnóstico – R**. 4. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.

CUNHA, Jurema Alcides. **Psicodiagnóstico – V**. 5. Ed.. São Paulo: Artmed, 2002.

FORMIGA, Nilton Soares, MELLO, Ivana. **Testes psicológicos e técnicas projetivos**: uma integração para um desenvolvimento da interação interpretativa indivíduo-psicólogo. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1414-98932000000200004&script=sci_arttext. Acesso em: 02 ago. 2011.

NASCIMENTO, R. S. G. F. A informática e a avaliação psicológica. In: **Psicologia e informática**: desenvolvimentos e progressos. São Paulo: CRP-SP / Casa do Psicólogo, 2005.

PACHECO, E. M. C. **Produção Científica e Avaliação Psicológica**. Metaciência e Psicologia. São Paulo: Alínea, 2005.

PRIMI, Ricardo, VILLEMOR-AMARAL, Anna Elisa de. **Teste de Zulliger no sistema compreensivo ZSC**: forma individual. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2009.

SILVA, VALDECI GONÇALVES DA. **Os Testes Psicológicos e suas Práticas**. Sem Data. Disponível em: <http://www.algosobre.com.br/psicologia/os-testes-psicologicos-e-as-suas-praticas.html>. Acesso em: 28 jul. 2011.

VAZ, Cícero E. **O Rorschach**: Teoria e Desempenho. 3. ed. São Paulo: Ed. Manole, 1997.

VAZ, Cícero E. **Z-Teste – Técnica de Zulliger – Forma Coletiva**. 2. Ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2002.

WEINER, Irving B. **Princípios da Interpretação do Rorschach**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2000.

YALOM, Irvin D. **Os desafios da terapia**: reflexões para pacientes e terapeutas. Trad. Vera de Paula Assis. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.